

# Práticas de cuidado multiespécies no antropoceno: compreendendo modos de vida no turismo rural<sup>1</sup>

Paola Brusco Ribeta e Letícia Dias Fantinel

## RESUMO

Este ensaio teórico objetiva discutir como a análise das práticas de cuidado multiespécies pode contribuir para a compreensão de modos de vida via turismo rural no contexto do antropoceno. Foi realizada uma revisão bibliográfica buscando relacionar práticas de cuidado multiespécies no antropoceno e turismo rural. O percurso argumentativo foi realizado da seguinte forma: primeiramente, buscou-se elucidar acerca das práticas de cuidado multiespécies; doravante, foram evidenciadas características que permeiam a prática do turismo rural e, por fim, realizaram-se aproximações entre as práticas de cuidado multiespécies e o turismo rural, com vistas a elucidar formas que permitam melhor compreender o fenômeno considerando-se modos de vida no antropoceno. Sistematizamos a contribuição da nossa análise em três eixos básicos: (1) uma perspectiva do cuidado multiespécies permite ampliar a compreensão da prática do turismo rural ao evidenciar os emaranhados situados e corporificados que constituem plantas, humanos e outros animais; (2) essa ampliação permite levar em consideração teoricamente as agências desses outros seres para pensar formas de vida conjunta; (3) ao mesmo tempo em que mostra que, mesmo em se tratando de práticas de cuidado, essas práticas não são homogêneas nem harmoniosas, mas implicam relações de poder e diferentes graus de vulnerabilidade para humanos e não-humanos. Concluímos que as práticas de cuidado multiespécies podem ser ferramentas analíticas relevantes nos estudos organizacionais sobre o antropoceno, pois contribuem para a compreensão da organização de modos de vida rurais em espaços nos quais o turismo rural é uma prática econômica e cultural relevante.

Palavras-chave: práticas de cuidado; antropoceno; estudos multiespécies; turismo rural; estudos organizacionais.

*Multispecies care practices in the anthropocene: understanding ways of life in rural tourism*

## ABSTRACT

This theoretical essay aims to discuss how the analysis of multispecies care practices can contribute to the understanding of ways of life via rural tourism in the context of the Anthropocene. A literature review was carried out seeking to relate multispecies care practices in the Anthropocene and rural tourism. The argumentative path was carried out as follows: first, we sought to elucidate about multispecies care practices; from now on, characteristics that permeate the practice of rural tourism were evidenced and, finally, approximations were made between multispecies care practices and rural tourism, with a view to elucidating ways that allow a better understanding of the phenomenon considering ways of life in the Anthropocene. We systematize the contribution of our analysis in three basic axes: (1) a perspective of multispecies care allows us to broaden the understanding of the practice of rural tourism by highlighting the situated and embodied entanglements that constitute plants, humans and other animals; (2) this expansion makes it possible to take into account theoretically the agencies of these other beings to think about forms of joint life; (3) at the same time that it shows that, even in the case of care practices, these practices are neither homogeneous nor harmonious, but imply power relations and different degrees of vulnerability for humans and non-humans. We conclude that multispecies care practices can be relevant analytical tools in organizational studies on the Anthropocene, as they contribute to the understanding of the organization of rural ways of life in spaces in which rural tourism is a relevant economic and cultural practice.

*Keywords: care practices; anthropocene; multispecies studies; rural tourism; organizational studies.*


1 As autoras agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – FAPES pela concessão de bolsa que foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Também registram agradecimentos aos avaliadores pelas recomendações que permitiram o aprimoramento do artigo.

Recebido em: 12/09/2023

Revisado em: 16/05/2024

Aprovado em: 26/06/2024



Paola Brusco Ribeta 

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Mestra em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

[paolaribeta@gmail.com](mailto:paolaribeta@gmail.com)

Letícia Dias Fantinel 

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil e Universidade de Brasília, Brasil  
Doutora em Administração, Universidade Federal da Bahia, Brasil.

[leticia.fantinel@ufes.br](mailto:leticia.fantinel@ufes.br)

## Introdução

Há algum tempo, encontramos-nos submersos em dinâmicas planetárias ambientais diferentes de tudo o que já presenciámos pelo menos nos últimos dois séculos. Por conseguinte, somos desafiados constantemente a discutir as relações organização-natureza ao evocarmos o papel da ação humana e suas consequências desastrosas em processos excessivamente atrelados a políticas coloniais e neocoloniais de desenvolvimento (Figueiredo, Marquesan, & Imas, 2020). Nessa esteira, a expressão Antropoceno, por exemplo, foi englobada categoricamente ao pensamento social e aos conhecimentos científicos produzidos sobre gestão e organizações (Wright, Nyberg, Rickards, & Freund, 2018).

Este termo, proposto pela primeira vez há cerca de 20 anos, segundo seus proponentes, refere-se ao período da história geológica atual em que os seres humanos e suas atividades têm causado profundas modificações na natureza (Crutzen & Stoermer, 2000). Salienta-se que, embora o conceito ainda esteja sob discussão e disputa (Alcântara, Yamamoto, Garcia, & Campos, 2021), tais transformações são potencialmente mais “ameaçadoras” do que os processos naturais ocorridos em nosso planeta (vulcões, tsunamis etc.), que permaneceram estáveis por milhares de anos (Corbari, 2021; Shrivastava et al., 2019).

Em se tratando de transformações nos ambientes naturais, variadas formas de ocupação predatória, por práticas econômicas, têm deixado profundas marcas de degradação socioambiental (Alves, 2018). Nesse contexto, as práticas turísticas, em especial, aquelas relacionadas ao turismo rural, também causam impactos aos espaços naturais, e é importante que seja objeto de investigação. Destaca-se a estagnação ou a possível eliminação de atividades tradicionais, como a pesca e a extração vegetal, e a intensificação de práticas agropecuárias relacionadas à deterioração da natureza, como a poluição intensiva de mananciais hídricos, ou a emissão massiva de gases que contribuem com a poluição atmosférica, sem mencionar os distúrbios à vida selvagem, como a perda de biodiversidade, erosão, diminuição de fertilidade do solo, entre tantos outros (Oliveira & Rossetto, 2013; Souza & Dolci, 2019).

Diante das modificações ambientais evidenciadas, Haraway (2009) destaca a importância de que os seres humanos possam se reaver com a humanidade que vem da terra, do húmus, aquela que nos coloca com os “pés no chão”. Ela sugere, e com ela concordamos, a possibilidade de uma socialização consciente da natureza e da construção de uma ética do cuidado. Entendemos ser possível pensar nessa ética do cuidado nas atividades cotidianas dos pequenos produtores que sobrevivem do turismo rural, especialmente no convívio com outras formas de vida (que não humanas) imbricadas nas pequenas propriedades rurais em que vivem e trabalham. Tal construção permite inaugurar vias possíveis para a prática turística nos espaços naturais de maneira atenta e durável (Alves, 2018).

Ao se evocar a construção de uma ética voltada ao cuidado, neste trabalho, a expressão “cuidado” remete à problematização de estruturas normativas hierárquicas que colocam os humanos no topo ou no centro de

quaisquer práticas organizativas. Além disso, propõe-se a concepção de uma teia horizontal de interdependência entre humanos e não humanos, ou seja, descentraliza-se a “subjetividade ética humana” ao não considerar os humanos como mestres, mas como parte de uma coletividade de seres vivos na Terra (Beacham, 2018).

Nesse sentido, com vistas a discutir aspectos contribuintes ao entendimento do turismo rural pela via analítica das práticas de cuidado multiespécies, este ensaio teórico tem como objetivo discutir a contribuição das práticas de cuidado multiespécies como lente analítica para a compreensão do turismo rural.

É muito comum que nos estudos sobre gestão e organizações no turismo seja reproduzida uma visão com foco no turista e no seu deslocamento (Bispo, 2016). É recente uma abordagem que permita a compreensão do turismo como uma prática cultural organizativa situada, o que significa compreender a organização social do turismo com base em dinâmicas processuais em constante produção e com o envolvimento de múltiplos agentes (Cavalcante & Bispo, 2018; Cavalcante, Bispo, & Soares, 2017). Contudo, ainda não foi explicado de que maneira os entrelaçamentos mais que humanos sustentam essa prática organizativa, especialmente em termos das relações multiespécies ocorridas no contexto do turismo rural.

Compreendemos, portanto, a prática agroturística como composta por complexas dinâmicas processuais cujos emaranhados variam na constituição da experiência turística, imbricando existências humanas, animais, vegetais, mas, também, de paisagens, de manifestações culturais, de artefatos, objetos e tecnologias. Por isso, a abordagem proposta aqui se soma aos estudos que buscam destituir a reificação da “organização” por meio da discussão de práticas organizativas que, conjuntamente, formam o social (Duarte & Alcadipani, 2016), acrescentando o turismo rural a esta leitura, caracterizando-o como prática.

Sendo assim, ainda que a literatura sobre o turismo como prática seja fundamental para desafiar os preceitos hegemônicos que tomam o turismo com foco no deslocamento de agentes específicos, e que reificam o fenômeno enquanto formas organizativas, entendemos que há certas limitações no sentido de considerar agências não humanas, em especial de seres vivos, nessas dinâmicas processuais. Por isso, a proposta que o presente texto representa é que, por meio da ética do cuidado, em uma abordagem ecofeminista e multiespecífica, seja possível avançar na literatura sobre o turismo rural problematizando as relações mais que humanas que sustentam seu organizar.

A contribuição do texto, dessa maneira, ocorre ao evidenciarmos que uma perspectiva do cuidado multiespécies permite ampliarmos a compreensão da prática do turismo rural em três eixos: (1) evidenciando os emaranhados situados e corporificados que constituem plantas, humanos e outros animais no cotidiano das atividades; (2) levando em consideração teoricamente as agências desses outros seres para pensar formas de vida conjunta; (3) mostrando que, mesmo em se tratando de práticas de cuidado, essas práticas não são homogêneas nem harmoniosas, mas implicam relações de poder e diferentes graus de vulnerabilidade para humanos e não-humanos.

Para tanto, após esta introdução, apresentam-se as elucidações acerca das práticas de cuidado multiespécies. Em seguida, são evidenciadas as características que permeiam a prática do turismo rural. Posteriormente, são tecidas as contribuições das práticas de cuidado multiespécies enquanto perspectiva de compreensão do turismo rural. Por fim, são delineadas as considerações finais.

## Referencial Teórico

No processo de construção do referencial teórico para este ensaio, adotamos uma abordagem cuidadosa e estratégica na seleção dos trabalhos. Iniciamos com uma busca abrangente por estudos que transcendem a visão convencional do cuidado, focando não apenas nas interações humanas, mas também nas relações dinâmicas entre humanos e outras espécies. Essa abordagem nos levou a explorar conceitos ecofeministas e outras perspectivas que destacam a interdependência e a ética do cuidado além dos limites humanos tradicionais. Nesse sentido, alguns autores, tais como Desai e Smith (2018), foram selecionados por sua contribuição em ampliar essa concepção, essencial para compreender como as práticas de cuidado podem ser reinterpretadas e aplicadas ao contexto do turismo rural no atual cenário do Antropoceno. Assim, os trabalhos escolhidos não apenas fundamentam teoricamente nosso estudo, mas também promovem uma reflexão crítica sobre modos de vida sustentáveis e inclusivos em um mundo cada vez mais interconectado.

### As práticas de cuidado multiespécies

O termo cuidado pode ser analisado sob variadas perspectivas. Nos estudos em gestão e organizações, existe certa predominância de uma perspectiva vinculada ao trabalho de cuidado, que abrangeria um conjunto de atividades laborais e relações específicas com o objetivo de oferecer uma resposta concreta às necessidades de outros, sob a forma de serviços, apoio e/ou assistência, podendo ser ou não remunerada e que implica em responsabilização em relação à vida e ao bem-estar de outrem (Oliveira & Enoque, 2020). Daí o enfoque direcionado a profissões, organizações e pessoas que exercem atividades de reprodução da vida humana, com recortes aplicados, por exemplo, a questões como o trabalho reprodutivo não remunerado atrelado ao gênero feminino, organizações responsáveis pelo cuidado com pessoas em situação de vulnerabilidade (idosos, pessoas doentes ou crianças, por exemplo), ou ainda políticas públicas voltadas para a prestação de cuidados com a população (Borges, Silva, Souza, & Fantinel, 2016; Enoque & Borges, 2019; Marcondes, Farah, & Alves, 2021; Silva, Carmo, & Cappelle, 2023).

Neste artigo, contudo, buscamos uma concepção relacional e mais que humana do que significa o cuidado, retornando a uma prática dinâmica, dialógica e incorporada através da sintonia estabelecida entre seres distintos (Desai & Smith, 2018). Tal sintonização envolve o aprendizado em cultivar a

capacidade de se importar com o próximo (humano ou não humano) em sua totalidade, sem reduzi-los a outros comuns e inferiores (Desai & Smith, 2018). Para isso, retomamos uma concepção ecofeminista do cuidado, mais ampla que as preocupações com a reprodução da vida humana e que constrói relações com o mundo que nos rodeia.

Reconhecemos, nesse caminho, o pioneirismo de Carol Gilligan (1982), ao atribuir a noção de cuidado para enfatizar o papel dos relacionamentos e do contexto na tomada de decisões morais. Embora façamos aqui esse reconhecimento, também mencionamos que sua análise teórica foi fortemente criticada pelas autoras ecofeministas da época, notoriamente pelas tendências essencialistas utilizadas em sua pesquisa, sugerindo, por exemplo, que as mulheres tenderiam a ser “naturalmente” mais atenciosas do que os homens, além de basear suas constatações em uma amostra branca de classe média.

Além dessa primeira concepção voltada ao “cuidado”, outras foram sendo delineadas na literatura. Para conseguinte, para Boff (2007), por exemplo, o termo se volta aos aspectos intrínsecos da consciência e está atrelado a forma como é vivido e estruturado no íntimo de cada indivíduo. Isto é, para ele, o ato de “cuidar” se mostra na experiência, se molda na prática e faz parte da constituição de cada ser.

É importante compreender, portanto, que é a crítica feminista, e, principalmente, a ecofeminista, que toma a frente na discussão sobre o descentramento do humano (Mazza & Oliveira, 2022). Isso ocorre, principalmente, por meio da desmistificação da ideia de humanidade a partir de um ponto de vista universal (masculino, europeu, branco e heteronormativo), dando lugar a perspectivas situadas e parciais (Haraway, 2009).

A capacidade de se importar com o outro, seja ele humano ou não, e a perspectiva dialógica ao qual o cuidado está atrelado, corrobora com as proposições abarcadas pela ética do cuidado ecofeminista (Adams & Gruen, 2022). Segundo essa vertente, o cuidado está voltado à obrigação moral dos humanos de agir com responsabilidade e compaixão em relação aos animais (Donovan & Adams, 2007). Ainda, tal perspectiva oferece uma maneira de valorizar os relacionamentos de cuidado, sejam eles maternos, parentais ou de qualquer outro tipo, incluindo relações de cuidado entre humanos e outros animais numa extensa teia relacional (Adams & Gruen, 2022).

Ao abarcar os encontros relacionais entre humanos e outros animais, a perspectiva ecofeminista do cuidado permite-nos ir além dos modos antropocêntricos de comunicação para melhor interpretar os encontros relacionais entre humanos e não humanos (Beacham, 2018; Tallberg, García-Rosell, & Haanpää, 2022). Posto isso, propõe-se a concepção de uma teia horizontal de interdependência entre humanos e não humanos, ou seja, descentraliza-se a “subjetividade ética humana” ao não considerar os humanos como mestres, mas, sim, como parte de uma coletividade de seres vivos na Terra (Beacham, 2018).

Como salientado por Connolly e Cullen (2017), o cuidado não se restringe à interação dos humanos com outros iguais; portanto, pode ser utilizado para abordar as questões morais que envolvem o uso de animais nas organizações. Segundo os autores, embora a recíproca do cuidado não

esteja formalmente presente nas relações dos humanos com os animais, o compromisso pelo cuidado surge quando os animais se tornam dependentes dos humanos, sejam como animais de estimação, sejam como participantes de um sistema agrícola.

Ao conceber o cuidado como um meio de interação entre humanos e não humanos, nota-se o enfoque dado ao afeto, à empatia, à compaixão, etc direcionados aos humanos e outros seres, como chave para a reflexão e criação de redes relacionais (Tallberg et al., 2022). A empatia evidenciada, nesse caso, não se trata de uma questão de cuidar dos animais como as “mães (humanas e não humanas) cuidam de seus bebês”, mas sim, de ouvir os não humanos, levá-los a sério, importar-se com o que estão nos comunicando (Donovan, 2022). Isso inclui atenção aos “sinais” e padrões comunicativos não verbais, como as expressões faciais, os gestos, os movimentos corporais, a postura e a atenção, todos os quais informam as interações humano-animal (Tallberg et al., 2022).

Tal como explicitado por Policarpo e Tereno (2022), as práticas ligadas ao cuidado constituem um núcleo agregador de intimidade, onde humanos e não humanos partilham aspectos desagradáveis de suas vidas, como as enfermidades, por exemplo, e momentos agradáveis, tais como as trocas de afeto e a parceria ao desempenhar quaisquer atividades. Vale salientar que, embora os humanos assumam a maior parte das tarefas e responsabilidades do cuidar, os não humanos também são cuidadores, à sua maneira, e desafiam, assim, o ato de cuidar como uma atividade condicionalmente humana (Policarpo, Barbosa, & Santos, 2022).

Isto é, em uma concepção do cuidado voltada, especificamente, às práticas de cuidado multiespécies, avalia-se o potencial de afetação mútua e constitutiva entre humanos e não humanos e a criação de redes relacionais, seja ou não nas atividades produtivas e, organizacionais, como é o caso do turismo. Salientamos, assim, que a natureza humana (em todas as suas miríades e formas) é uma relação entre espécies (Tsing, 2015), humanos e não humanos, com “modos de vida” distintos, têm a capacidade de afetar-se e serem afetados, ou seja, de cuidar-se e serem cuidados numa extensa teia relacional e emaranhada (Van Dooren, Kirksey, & Münster, 2016). Contudo, há algumas particularidades no caso do turismo rural, como abordamos no tópico a seguir.

## Caracterizando o turismo rural

Nas últimas décadas, o meio rural foi impactado por mudanças relacionadas ao processo de globalização e pelo advento da modernidade. Tais transformações potencializaram o processo de êxodo rural, fazendo com que muitos moradores dos espaços campestres migrassem para os centros urbanos na busca por postos de trabalho e melhores condições de vida. De modo inverso, houveram aqueles preocupados com o desenvolvimento e a implantação de estratégias de manutenção das atividades campestres nas propriedades de menor porte, ou seja, esses habitantes tiveram que desenvolver meios capazes de gerar renda e sobrevivência nos espaços rurais (Duarte & Pereira, 2018).

Diante das estratégias de diversificação e geração de renda que passaram a abarcar esses espaços, famílias que desenvolviam a atividade agropecuária somente para sua subsistência, viram-se impulsionadas a desenvolvê-la para fins comerciais. Desse modo, passaram a diversificá-la através da produção de massas, biscoitos, embutidos, compotas, hortaliças, entre outros. Esse movimento de geração de renda complementar à atividade agropecuária tradicionalmente desenvolvida nas propriedades passou a ser oferecido aos visitantes, tendo isso originado a prática do turismo rural nas propriedades rurais (Brasil, 2010).

Quanto às primeiras experiências ligadas a essa modalidade turística, salienta-se o surgimento de iniciativas na Europa e Estados Unidos, no século XX. Em seguida, por volta da década de 1980, foram conhecidas as experiências em outros países, tais como Brasil, Argentina e Uruguai. Já no Japão, África e Oceania as primeiras iniciativas de turismo rural despontaram nos idos de 1990 (Roque, 2009).

No cenário brasileiro, as primeiras atividades ligadas à prática do turismo rural se originaram em decorrência de meios de hospedagem em ambientes campestres, sendo evidenciadas as experiências do Hotel Hampel (1899), em São Francisco de Paula; do Veraneio Desvio Blauth (1920) e das Casas de Pasto, nos centros do Rio de Janeiro e de São Paulo (César, Brambatti, & Marchesini, 2019).

Mais tarde, nos idos de 1986, outras iniciativas, também de cunho econômico, surgiram, com destaque à abertura de propriedades rurais à visitação no município de Lages, estado de Santa Catarina (Milan & Costa, 2021). Seguidamente, ao final dos anos 80, na região de Mococa, no estado de São Paulo, observou-se o surgimento de uma ação pioneira na qual formatou a primeira rota rural nacional, que congregava algumas das mais tradicionais propriedades rurais que ofertavam cavalgadas, hospedagem, dia de campo e gastronomia típica. Finalmente, nos idos de 1990, iniciativas semelhantes foram delineadas em Minas Gerais e, posteriormente, em outros estados, como no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro (Zimmermann & Castro, 1996).

Com o surgimento e a expansão das práticas ligadas ao turismo rural, a população campestre, que vivia exclusivamente das atividades desempenhadas nas propriedades, viu na atividade agropecuária uma lucrativa fonte de renda, pois a atividade em si tornou-se apreciada pelos visitantes. Outrossim, a prática de visitação de turistas passou a ser uma frutífera oportunidade de escoar a produção, bem como incentivo ao desenvolvimento de produtos com maior valor agregado, além de reconhecimento à cultura campestre e aos espaços rurais (Peixoto & Ribeta, 2022; Silva, Schinaider, Dorneles, & Silva, 2017).

Assim sendo, o turismo rural é entendido e definido como um agrupamento de “[...] atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade” (Brasil, 2010, p. 18). Nesse sentido, para muitos, o turismo rural se apresenta como ferramenta de obtenção de renda complementar, perspectiva de compartilhamento de vivência das ruralidades e demonstração das externalidades da vida campestre (Gubert et al., 2020).

Dentre os benefícios conferidos pela prática do turismo rural, pode-se salientar os de ordem econômica, tais como a geração de emprego e renda; os de ordem social, como a melhoria da qualidade de vida dos camponeses, por meio do aprimoramento da infraestrutura e desestímulo do processo de êxodo rural e; por fim, os de ordem psicológica, uma vez que tal prática proporciona satisfação aos visitantes (Bagega & Werlang, 2017; Duarte & Pereira, 2018; Solha, 2019).

Além das vantagens supracitadas, evidencia-se a busca que os turistas fazem por destinos rurais com o intuito de “fugirem” do elevado grau de estresse das cidades e da rotina acelerada, maçante; a busca pelas origens, visto que grande parte da população tem suas raízes vinculadas aos espaços rurais e; a procura por uma gastronomia camponesa com vínculos territoriais específicos (Klein & Rodrigues, 2019; Lunardi & Almeida, 2015; Zandonadi & Freire, 2016).

Posto isso, Silva, Francisco e Thomaz (2010) apontam o tratamento dispensado pelos proprietários aos turistas como fator essencial para a prática do turismo rural nas propriedades rurais. Segundo os autores, alguns fatores, tais como o carisma, o “calor humano” e a hospitalidade, são vistos com destaque nesse meio.

Nessa perspectiva, Ribeiro e Mondo (2019) afirmam que a oferta de lazer e alojamento para turistas figuram como meios de revalorização das atividades promovidas nos espaços campestres, de forma que o próprio ambiente rural passa a ser referência ao ofertar como atrativo meios de hospedagem sem descaracterizações, enquanto propriedades e imóveis rurais. Assim, cabe destacar o papel atuante das mulheres na promoção do lazer, na confecção do artesanato e na gastronomia oferecida pelas propriedades rurais, pois são elas as responsáveis pela fabricação de congêneres alimentícios ao turismo rural, além da lida com os visitantes, hospedados em suas instalações (Lunardi, Souza, & Perurena, 2015).

Em relação aos congêneres alimentícios citados, destacam-se a produção de biscoitos e massas; conservas, compotas e licores; iogurtes, queijos e manteiga; vinho e azeite; carnes defumadas e embutidos, entre outros (Souza & Dolci, 2019). Ainda, segundo os autores, a prática do turismo rural atrai clientela, sobretudo, apreciadora de qualidade, que anseia por conhecer os quitutes gastronômicos e consumir produtos artesanais. Assim, torna-se importante frisar o fato de os turistas apresentarem uma predisposição para o retorno aos locais, cuja vivência foi marcante. Do mesmo modo, um turista satisfeito com a experiência vivida, passa a promover e divulgar gratuitamente os produtos junto a amigos, familiares e locais que frequenta.

Além dos fatores potenciais ligados à prática do turismo rural, faz sentido pontuar os impactos que tais atividades produzem no ambiente onde se instalam. Dessa maneira, Oliveira e Rossetto (2013) atentam para as consequências geradas pelas atividades turísticas nos ambientes rurais, tais como a modificação de usos e costumes das localidades, estagnação ou possível eliminação de atividades tradicionais, como a pesca e a extração vegetal, além da degradação da natureza.

Arenhart e Fontana (2019) corroboram essa ideia e acrescentam uma discussão sobre os malefícios gerados às populações rurais (humanas e



não humanas) causados pelo excessivo fluxo de visitantes, poluição sonora, tráfego de automóveis e resíduos produzidos. Nesse sentido, Candiotto (2007) afirma que, quando ignorados tais impactos socioespaciais do turismo rural, a população das localidades é deixada à mercê do processo de desenvolvimento econômico ocasionado pelo turismo, restando a elas o convívio com os problemas sociais e ambientais decorrentes das atividades turísticas desenvolvidas.

Nesse caso, discutimos neste ensaio a possibilidade de as práticas de cuidado multiespécies, a partir de uma ótica ecofeminista, representarem, no trabalho cotidiano de pequenas e pequenos produtores e trabalhadores rurais, uma forma de relação e conexão com os ecossistemas domésticos e silvestres imbricados com as atividades que desempenham e, portanto, com sua própria sobrevivência. Isso ocorre uma vez que dependem, como foi mostrado neste tópico, de todo um conjunto de relações com plantas e animais para que consigam realizar suas atividades. Do ponto de vista teórico, argumentamos que as práticas de cuidado multiespécies nos ajudam a visibilizar tais relações na teoria organizacional, que frequentemente invisibiliza animais e outras formas de vida (ou, quando as visibiliza, o faz de modo instrumental e utilitarista na forma de “recursos”), ainda que elas estejam constantemente presentes nos processos organizativos (Fantinel, Barreto, & Bastos, 2024), como é o caso do turismo rural. Queremos, com isso, que a teoria organizacional possa incorporar o cuidado enquanto prática que revela as “artes de atentividade” (Van Dooren et al., 2016) na vida cotidiana organizacional, cada vez mais marcada por condições climáticas extremas e urgentes, o que exige de nós a produção de novas formas de relação com o planeta. É nesse sentido que nossa discussão é tecida no próximo tópico.

## ■ Discussão: O cuidado multiespécies como perspectiva para compreensão de modos de vida no turismo rural no contexto do Antropoceno

Organizamos esta seção de maneira a defender a contribuição da abordagem multiespécies, por meio do conceito de cuidado na perspectiva ecofeminista, como uma lente de análise que permite ir além das concepções hegemônicas sobre o turismo rural e incrementar a análise do turismo rural como prática. Defendemos que essa contribuição ocorre a partir de três eixos básicos: (1) ao evidenciar os emaranhados situados e corporificados que constituem plantas, humanos e outros animais no cotidiano das atividades; (2) ao levar em consideração teoricamente as agências desses outros seres para pensar formas de vida conjunta; (3) ao mostrar que, mesmo em se tratando de práticas de cuidado, essas práticas não são homogêneas nem harmoniosas, mas implicam relações de poder e diferentes graus de vulnerabilidade para humanos e não-humanos.

## Evidenciando emaranhados multiespécies

Há algum tempo os ambientes naturais vêm sendo explorados e utilizados sem limites. Essa exploração, visa, sobretudo, o desenvolvimento e a rentabilidade econômica de organizações e, além disso, foi responsável por alavancar a insurgência de graves crises ambientais em todo o planeta (Corbari, 2021). Como consequência, vivenciamos crises socioambientais cada vez mais numerosas, longas e profundas que impactam diretamente grupos sociais, políticos e, inclusive, econômicos. Isto é, infere-se que não são somente as relações sociais que se desestabilizam, mas também as relações entre humanos e o que se convencionou em chamar de “natureza” (Corbari, 2021).

Nesse contexto de crise ambiental global, insere-se o Antropoceno, termo proposto por cientistas para se referirem ao período da história geológica atual (Crutzen & Stoermer, 2000), em que os seres humanos e suas atividades têm causado profundas modificações na natureza (Corbari, 2021; Shrivastava et al., 2019). Embora a nomenclatura e os marcos geológicos a serem adotados como referência ainda estejam em discussão, há fatos concretos, como o aquecimento global, a acidificação de oceanos, os ecocídios, as perdas de biodiversidade e extinções, bem como eventos climáticos extremos cada vez mais graves e frequentes no mundo. Tendo em vista isso, nossa existência e de outros no planeta estão cada vez mais ameaçadas. O Antropoceno, nesse sentido, pode ser caracterizado como um “fato social”, que se estabelece a partir de imaginários globais, a partir dos quais se estimam consequências alarmantes aos ambientes naturais, bem como aos humanos, aos não humanos e suas existências futuras (Corbari, 2021).

Dentre tantas modificações ambientais evidenciadas, concordamos com a perspectiva de Haraway (2009) ao propor que o resgate da relação com a terra, o húmus, ou seja, aquela que, nos coloca com os “pés no chão”, possa ser um caminho para lidarmos com os desafios impostos pelo Antropoceno. Nesse contexto, nossa contribuição neste trabalho vem da discussão de uma ética voltada ao cuidado, sobretudo, às práticas de cuidado multiespécies. Por meio dessa construção, consideramos possível lançarmos um olhar e aprendermos com a produção de relações com naturezas-culturas, que, neste caso, se encontram imbricadas nas vidas cotidianas das trabalhadoras e trabalhadores rurais. Tal situação permite inaugurar vias possíveis para a prática turística nos espaços naturais de maneira atenta e durável (Alves, 2018).

Nesse caso, sendo o turismo rural vinculado às características que permeiam os ambientes rurais, tais como a produção agropecuária (em geral por pequenos produtores), as paisagens rurais de vegetação nativa, a arquitetura campestre, o contato direto com os modos de vida dos habitantes do campo e com outras formas de vida não humanas, como os animais, as plantas e os recursos hídricos (Candiotto, 2010), por exemplo, vislumbra-se a importância de se abarcar práticas voltadas diretamente ao ato de “cuidar”.

Nosso argumento aqui é que mostrar de que forma essas vidas humanas e não humanas se entrelaçam continuamente no turismo rural e permite, num

primeiro plano, visibilizar as formas pelas quais esses seres estão presentes no organizar, algo ainda incipiente na teoria organizacional.

### Levando em consideração agências multiespécies

Como já apresentamos, o cuidado neste ensaio é explicado e entendido a partir da conceituação apresentada pela perspectiva filosófica do ecofeminismo. Tal concepção nos provoca a ir além dos modos antropocêntricos de comunicação e, assim, ampliar a interpretação dos encontros relacionais entre humanos e não humanos (Beacham, 2018; Tallberg et al., 2022). Com isso, esperamos que não apenas as relações multiespécies sejam evidenciadas nos estudos sobre turismo rural, mas também que possam ser problematizadas teoricamente, de modo não instrumental ou utilitarista. Ou seja, identificando animais e outros seres vivos não como objetos nas cadeias de produção, mas seres dotados de agência que são partes interessadas nas cadeias produtivas, cujas vidas e mortes dependem dos processos organizativos do turismo rural.

Entendemos, assim, como Desai e Smith (2018), que nos encontros turísticos ligados à prática do turismo rural, a produção, o consumo e as experiências turísticas são práticas corporais complexas, que ocorrem em um processo formativo que envolve humanos e não humanos. Partindo desse entendimento, tais encontros podem ser considerados eventos que envolvem conjuntos de interação social (humanas e não humanas), produção de experiências e participação em atividades voltadas à natureza (Desai & Smith, 2018).

Em amplo sentido, as experiências corporificadas e a afetação entre humanos e não humanos sob a perspectiva do cuidado, são comumente observadas nas interações homem-animal em outras esferas e constituem núcleos agregadores de vivência aos humanos (Jeczmyk, Uglis, & Steppa, 2021). O estudo de Dashper (2020), por exemplo, expõe acerca da afetação e da experiência corporificada existente nas relações homem-cavalo, na prática ligada ao turismo multiespécies. Para a autora, as relações homem-cavalo são construídas por meio de interações complexas entre espécies. Além disso, a comunicação entre humanos e cavalos requer negociação de algum tipo de entendimento compartilhado, e o próprio ato de cavalgar simboliza uma forma próxima e complicada de comunicação corporificada interespécies.

O estudo de Pugen, Deponti e Cadoná (2022) evidencia que, a partir do compartilhamento de saberes entre os camponeses na localidade de Morro Azul, estado do Rio Grande do Sul, estes passaram a entender e perceber que compartilham o meio ambiente de várias maneiras e, por serem dependentes dele para a concepção de suas atividades rurícolas, necessitam de cuidá-lo. Sobre as práticas de cuidado com outros, não humanos, como o solo, nesse caso, um produtor de cachaça, demonstrado no estudo, explicou que descartava o vinhoto (subproduto da fabricação do álcool, gerado após a fermentação do mosto) no chão de terra. Sobre isso, os autores demonstram que a partir do trabalho com o turismo rural, o produtor mencionado passou a participar de variados cursos e a partilhar

suas vivências e seus conhecimentos com pessoas que ampliaram sua “visão de mundo”.

Cabe evidenciar, ainda, que os conhecimentos e as práticas de cuidado adotadas nas propriedades rurais são compartilhadas com os turistas, seja a partir de orientações como não jogar quaisquer resíduos no chão, seja até mesmo demonstrando a utilização de subprodutos que atuam como adubo para as hortas. Dessa maneira, torna-se salutar que tais saberes incorporados pelos agricultores, acabam por vinculá-los cada vez mais às terras onde realizam seus cultivos, além de perceberem os meios naturais, como o solo, por exemplo, como um recurso comum que necessita de cuidado e preservação (Pugen et al., 2022).

Aqui, julgamos importante mencionar, para nossa discussão sobre o cuidado, a influência do pensamento de Haraway (2021), ao propor o companheirismo como chave teórica para discutir os emaranhados semióticos e materiais formados a partir de relações de coexistência, colaboração e codomesticação entre humanos e outras formas de vida, que produzem diferentes possibilidades de existências. Com base nessa ideia, propomos tomar a relação, não o indivíduo ou a organização, como unidade de análise básica e sugerimos, como a autora, que utilizemos esta unidade para discutir teoricamente de que forma essas relações multiespécies estão nas nossas formas de viver e habitar o planeta. Pensar, por exemplo, em como essas relações produzem pandemias (Júlio & Fantinel, 2021), mas também em como elas podem produzir outras maneiras de produzir a sobrevivência mútua.

## Desvendando poderes e vulnerabilidades nas relações de cuidado

A terceira possibilidade de contribuição que identificamos tem a ver com as perspectivas expostas pelas autoras Dashper (2019) e Shir-Vertesh (2012). Dashper (2019), por um lado, alerta para que, embora a recíproca do cuidado e da afetação estejam presentes nas interações do turismo rural, não romantizemos essas relações em nossas análises. Cabe reconhecer as relações de poder inerentes às práticas contemporâneas de turismo, destacando as relações desiguais entre humanos e não humanos que, muitas vezes, colocam estes últimos em condições de vulnerabilidade.

Dashper (2019), ao discutir perspectivas multiespécies no âmbito do lazer com cavalos em âmbito rural, propõe a noção do lazer ligado à ideia de consentimento. Baseada nesse pressuposto, ela lança a indagação: “Podemos dizer que os cavalos participam de nosso lazer sem coerção?”. Em suas palavras, a resposta mais objetiva é “não”, pois os cavalos não têm oportunidade de escolher se são montados ou não, ou para quais atividades são treinados. Isto é, eles não são livres para escolher da maneira que os humanos são, já que os cavalos são “propriedade” de seus cuidadores humanos e, portanto, estão sujeitos aos seus desígnios, sem contar a possibilidade de serem vendidos se não atenderem às expectativas.

Essa possibilidade de venda, abandono ou mesmo de exploração dentro da relação de cuidado pode ser em parte explicado pelas teorizações de

Shir-Vertesh (2012). A autora problematizou nossas relações com animais a partir de relações familiares e mostrou os confusos caminhos que compõem a designação de status desses animais. Ao analisar as fronteiras entre humanos e os animais ditos de estimação, a pesquisadora revelou que, ainda que possam ser descritos ou tratados como membros da família, essas relações são instáveis, uma vez que, a depender das contingências que se apresentam, esse relacionamento com os animais pode ser facilmente revisto ou encerrado unilateralmente. As relações de cuidado dos humanos para com outras formas de vida são, portanto, tênues, flexíveis e facilmente revistas.

Nosso ponto, aqui é que as próprias relações de cuidado produzem violências e vulnerabilidades, especialmente no caso das formas de vida não-humanas. Animais podem ser facilmente comercializados quando houver interesse econômico, mesmo que sejam objetos do afeto humano; plantas podem ser destruídas se passarem a ser vistas como ervas daninhas; ambientes podem ser totalmente modificados a ponto de não mais sustentar as vidas não humanas que antes suportavam. Não é porque o cuidar constitui determinados fenômenos que deixam de existir conflitos ou relações de poder assimétricas. Há que se ter atenção para não reproduzir visões ingênuas sobre uma suposta harmonia nas relações entre humanos e outras formas de vida em ambiente rural. E será necessário discutirmos essa constante produção de vulnerabilidades se quisermos dar respostas à vida no Antropoceno.

## Considerações finais

Este ensaio teórico se propôs a discutir a contribuição das práticas de cuidado multiespécies como lente analítica para a compreensão do turismo rural. Tendo em vista isso, pode-se depreender, num primeiro momento, tendo em vista a proposição do Antropoceno, que tem por base as demasiadas modificações terrestres causadas pela atividade humana, que as práticas turísticas, em especial, as ligadas ao turismo rural, também causam impactos negativos às diferentes formas de vida no planeta.

Sendo a prática do turismo rural um modo de vida e sobrevivência possibilitada pelo emaranhado de agentes que compõem paisagens rurais multiespécies, como a vegetação nativa, as águas, as formas de vida não humanas (animais, plantas), tomamos essa prática como exemplo para discutirmos possibilidades a partir de uma perspectiva multiespécies. Buscamos, assim, discutir como a análise das práticas de cuidado multiespécies podem contribuir para a compreensão de modos de vida via turismo rural no contexto do Antropoceno.

Nosso argumento central, portanto, é que a análise das formas pelas quais essas vidas humanas e não humanas se entrelaçam continuamente no turismo rural pode beneficiar a teoria organizacional, considerando que relações multiespécies ainda são pouco visibilizadas no campo (Fantinel, 2023), ou, quando o são, se dão de forma instrumental e utilitarista (Fantinel et al, 2024). Propomos, para essa visibilização, a perspectiva do cuidado, que consideramos ser contributiva em três eixos básicos: (1) uma perspectiva do

cuidado multiespécies permite ampliar a compreensão da prática do turismo rural ao evidenciar os emaranhados situados e corporificados que constituem plantas, humanos e outros animais; (2) essa ampliação permite levar em consideração teoricamente as agências desses outros seres para pensar formas de vida conjunta; (3) ao mesmo tempo em que mostra que, mesmo em se tratando de práticas de cuidado, essas práticas não são homogêneas, nem harmoniosas, mas implicam relações de poder e diferentes graus de vulnerabilidade para humanos e não-humanos.

Por fim, salientamos que, embora tenha sido realizada a aproximação do turismo rural ao estudo das práticas de cuidado multiespécies na seara teórica, é fundamental o desenvolvimento de estudos teórico-empíricos com base na proposta aqui construída. Assim, como sugestão e reconhecimento da limitação deste ensaio, recomendamos a realização de pesquisas de campo, capazes de construir dados a partir do cotidiano de seres humanos e não humanos que produzem o turismo rural.

## Referências

- Adams, C. J., & Gruen, L. (2022). *Ecofeminism: feminist intersections with other animals and the earth*. (2 ed.). Bloomsbury Publishing.
- Alcântara, V., Yamamoto, É. A., Garcia, A., & Campos, A. (2021). Antropoceno: o campo de pesquisas e as controvérsias sobre a era da humanidade. *Revista Gestão & Conexões*, 9(3), 11–31. <https://doi.org/10.47456/regec.2317-5087.2020.9.3.31771.11-31>
- Alves, V. J. R. (2018). A relação sociedade-natureza e a construção da ética do cuidado pelo turista. *PatryTer*, 2(1).
- Arenhart, A., & Fontana, R. F. (2019). Reflexões sobre o turismo rural e o desenvolvimento sustentável. *Turismo e Sociedade*, 12(3), 139-157.
- Bagega, C. S., & Werlang, N. B. (2017). Turismo rural: perspectivas teóricas e agenda de pesquisa. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 5(2), 278-300.
- Beacham, J. (2018). Organising food differently: towards a more-than-human ethics of care for the Anthropocene, *Organization*, 25(4), 533-549.
- Bispo, M. de S. (2016). O turismo como prática cultural organizativa, sociomaterial e estética. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 5(2).
- Boff, L. (2007). *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. (13ª. ed.). Editora Vozes.
- Borges, M. V., Silva, A. R. L. D., Souza, E. M. D., & Fantinel, L. D. (2016). Implicações simbólicas na organização de um home care: interpretações entre a equipe de saúde e os cuidadores familiares. *REAd. Revista Eletrônica de Administração* (Porto Alegre), 22, 52-76.
- Brasil (2010). *Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil*. Brasília: Autor. Recuperado de 8 jan.2022, de <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/diretrizes-para-o-desenvolvimento-do-turismo-rural.pdf>.

- Candiotto, L. Z. P. (2007). *Turismo rural na agricultura: uma abordagem geográfica do circuito italiano de turismo rural (CITUR)*, Município de Colombo - PR. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado de 9 jan.2023, de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90238>.
- Candiotto, L. Z. P. (2010). Elementos para o debate acerca do conceito de Turismo Rural. *Turismo em Análise*, 21(1), 3-24.
- Cavalcante, E. D. C., Bispo, M. de S. (2018). A análise etnometodológica do turismo como prática numa orla marítima no Nordeste brasileiro. *O&S*, 25(85), 247-263.
- Cavalcante, E. D. C., Bispo, M. de S., & Soares, L. C. (2017). Reflexões sobre o processo de aprendizagem social do turismo como prática na orla marítima de João Pessoa/PB. *Caderno Virtual de Turismo*, 17(3), 34-49. <https://doi.org/10.18472/cvt.17n3.2017.1137>
- César, P. de A. B., Brambatti, L. E., & Marchesini, T. Z. (2019). O papel da ferrovia na definição do território turístico e da hospitalidade: um estudo sobre o Hotel Veraneio Desvio Blauth (Farroupilha/RS). *Revista Turismo em Análise*, 30(3), 496-515. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v30i3p496-515>
- Connolly, L., & Cullen, J. G. (2017). Animals and organisations: an ethic of care framework. *Organization and Environment*, 31(4), 406-424.
- Corbari, S. D. (2021). Turismo e capitaloceno: uma primeira aproximação. *Revista Latino-Americana de Turismologia*, (7).
- Crutzen, P. J., & Stoermer, E. F. (2000). The 'Anthropocene'. *Global Change Newsletter*, 41, 17–18.
- Dashper, K. (2019). Moving beyond anthropocentrism in leisure research: multispecies perspectives. *Annals of Leisure Research*, 22(2), 133-139.
- Dashper, K. (2020). Holidays with my horse: human-horse relationships and multispecies tourism experiences. *Tourism Management Perspectives*, 34, 1-9.
- Desai, S., & Smith, H. (2018). Kinship across species: learning to care for nonhuman others. *Feminist Review*, 118(1), 41-60.
- Donovan, J. (2022). Caring to dialogue: feminism and the treatment of animals. In Adams, C. J., & Gruen, L. (Orgs.), *Ecofeminism: Feminist Intersections with other Animals & the Earth*, 47-68.
- Donovan, J., & Adams, C. J. (2007). *The feminist care tradition in animal ethics: a reader*. Cambridge University Press.
- Duarte, M. F., & Alcadipani, R. (2016). Contribuições do organizar (organizing) para os estudos organizacionais. *O&S*, 23, 57-72.
- Duarte, D. C., & Pereira, A. D. J. (2018). O papel da mulher no turismo rural - um estudo no circuito Rajadinha de Planaltina. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 12(3), 81-103.
- Enoque, A. G., & Borges, A. F. (2019). 'O velho e o moço...': olhares sobre o trabalho de cuidadores domiciliares de idosos. *Revista Gestão & Planejamento*, 20(1), 344-361.
- Fantinel, L. D. (2023). E se a gestão entrar no canil? *Revista de Administração de Empresas*, 63(3). <https://doi.org/10.1590/s0034-759020230308>

- Fantinel, L. D., Barreto, T. F., & Bastos, B. E. N. (2024). Apresentação dossiê temático "Animais e Organizações". *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(30), 13–27.
- Figueiredo, M. D., Marquesan, F. F. S., & Imas, J. M. (2020). Anthropocene and "development": intertwined trajectories since the beginning of the Great Acceleration. *Revista de Administração Contemporânea*, 24(2), 400-413. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2020190400>
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice: psychological theory and women's development*. Harvard University Press.
- Gubert, F. P. P., Heinzmann, C., Ferreira, C., Marques, C., Vogt, E., Hanzen, M., Gubert, M. W., Manetti, M., Berghauser, N. A. C., Recalcatti, J. F., Engelmann, P. P. P., & Zonin, W. J. (2020). Turismo Rural da Agricultura Familiar. In Ribeiro, J. C. (Orgs.), *Avanços científicos e tecnológicos nas ciências agrárias* (6 a ed.).
- Haraway, D. (2009). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 7(5), 7-41.
- Haraway, D. (2021). *O manifesto das espécies companheiras*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Jeczmyk, A., Uglis, J., & Steppa, R. (2021). can animals be the key to the development of tourism: a case study of livestock in agritourism. *Animals*, 2357(11), 1-15.
- Júlio, A. C., & Fantinel, L. D. (2021). A produção da pandemia de Covid-19 e as relações organizadas entre humanos e outros modos de existência. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 8(2), 437–456. <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2021.v8n2.413>
- Lunardi, R., & Almeida, J. A. J. (2015). Turismo rural: a contribuição da mulher. *RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, 5(2), 65-76.
- Lunardi, R., Souza, M., & Perurena, F. (2015). Participação e decisão no turismo rural: uma análise a partir da perspectiva de gênero. *Revista Turismo em Análise*, 26(2), 334-357.
- Marcondes, M. M.; Farah, M. F.; Alves, M. A. (2021). Frame, políticas públicas e transversalidade de gênero: uma análise da política de cuidado infantil brasileiras durante o giro à esquerda (2003-2016). *Organizações & Sociedade (Online)*, (28), 648-673.
- Mazza, F., & Oliveira, J. C. D. (2022). Narrativas do cuidar: mulheres indígenas e a política feminista do compor com plantas. *Mana*, 28(2).
- Milan, C. C., & Costa, C. (2021). Turismo rural na Fronteira Brasil - Uruguai: desafios e potencialidades em tempos de pandemia de COVID-19. *Revista Thema*, 20, 387-406.
- Oliveira, L. F., & Enoque, A. G. (2020). O cuidar e o envelhecer: um estudo acerca das representações sociais do cuidado na perspectiva de idosos. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 9(3), 131-145.
- Oliveira, M. A. S., & Rossetto, A. M. (2013). Políticas públicas para o turismo sustentável no Brasil - Evolução e perspectivas de crescimento para o setor. *Revista Turismo: Visão e Ação*, 15(3), 322-339.



Peixoto, D. L., & Ribeta, P. B. (2022). Agroturismo em Venda Nova do Imigrante (ES) e seus fatores condicionantes: um estudo baseado em publicações locais. *Revista Turismo em Análise*, 33(1), 135-152.

Policarpo, V., Barbosa, M., & Santos, R. R. (2022). Animais-companheiros das vidas dos humanos. *Análise social*, 243(2), 334-339. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2022243.06>

Policarpo, V., & Tereno, H. (2022). Precisar, sonhar, “inesperar”: animais de companhia e comunidades pessoais multiespécies. *Análise social*, 243(2), 340-366.

Pugen, B., Deponti, C. M., & Cadoná, M. A. (2022). Dar, receber e retribuir: à tríplice obrigação socioantropológica no turismo rural. *Caderno Virtual de Turismo*, 2, 42-53.

Ribeiro, G. C., & Mondo, T. S. (2019). Pluriatividade rural: a percepção de agricultores de Lages, Santa Catarina, sobre a oferta de hospedagem. *Turismo e Sociedade*, 12(2), 23-44.

Roque, A. (2009). *Turismo rural: do real ao imaginário uma questão de experiência. (Projeto de Doutorado)*. Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. Recuperado em 10 jan.2023, de <https://docplayer.com.br/6477321-Turismo-rural-do-real-ao-imaginario-uma-questao-de-experiencia.html>.

Shrivastava, P., Zsolnai, L., Wasieleski, D., Stafford-Smith, M., Walker, T., Weber, O., Krosinsky, C., & Oram, D. (2019). Finance and Management for the Anthropocene. *Organization & Environment*, 32(1), 26-40. <https://doi.org/10.1177/1086026619831451>

Shir-Vertesh, D. (2012). “Flexible Personhood”: Loving Animals as Family Members in Israel. *American Anthropologist*, 114(3), 420-432. <https://doi.org/10.1111/j.1548-1433.2012.01443.x>

Silva, C. A., Carmo, G., & Cappelle, M. C. A. (2023). Mães em home office: o desafio do trabalho e o cuidado dos filhos durante a pandemia da Covid-19. *Revista de Administração, Sociedade e Inovação*, 9(2), 10-24.

Silva, N. P., Francisco, A. C., & Thomaz, M. S. (2010). Turismo rural como fonte de renda das propriedades rurais: um estudo de caso numa pousada rural na região dos Campos Gerais no Estado do Paraná. *Caderno Virtual de Turismo*, 2(1).

Silva, M. A. C., Schinaider, A. D., Dorneles, F. M., & Silva, S. C. C. (2017). O turismo rural e os produtos locais: construção social da qualidade a partir da teoria das convenções. *Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 9(3), 433-446. <https://doi.org/10.18226/21789061.v9i3p433>

Solha, K. T. (2019). O universo rural e a oferta da experiência de turismo rural no Brasil. *Revista Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade*, 11(3), 615-633.

Souza, M. de., & Dolci, T. S. (2019). Sinergias entre turismo e atividades agrícolas: o exemplo do enoturismo. *Turismo Rural: Fundamentos e Reflexões*, 99-117.

Souza, M., Klein, A. L., & Rodrigues, R. G. (2019). Turismo rural: conceitos, tipologias e funções. In Souza, M., & Dolci, T. S. (Orgs.), *Turismo rural: fundamentos e reflexões* (pp. 23-40).

Tallberg, L., García-Rosell, J. C., & Haanpää, M. (2022). Human-animal relations in business and society: advancing the feminist interpretation of stakeholder theory. *Journal of Business Ethics*, 180(1), 1-16. <https://doi.org/10.1007/s10551-021-04840-1>

Tsing, A. L. (2015). Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *ILHA Revista de Antropologia*, 17(1), 177-201.

Van Dooren, T., Kirksey, E., & Münster, U. (2016). Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. *ClimaCom* [online], 7(3), 39-66.

Wright, C., Nyberg, D., Rickards, L., & Freund, J. (2018). Organizing in the Anthropocene. *Organization*, 25(4), 455-471. <https://doi.org/10.1177/1350508418779649>

Zandonadi, B. M., & Freire, A. L. O. (2016). Agroturismo: cultura e identidade agregando renda no espaço rural. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 4(1), 23-44.

Zimmermann, A., & Castro, I. C. (1996). *Turismo rural: um modelo brasileiro*. Editora do Autor.